

A dinâmica da criançada: Grupos e interações de bebês e crianças na perspectiva de Winnicott

Children's dynamics: Groups and toddlers interact from Winnicott's perspective

Daniel Kazahaya¹

Resumo: A criançada tem uma dinâmica de grupo muito peculiar que é diferente, em grande parte, da dinâmica do adulto. Ao passo que o indivíduo adulto, já constituído enquanto Eu sou, participa do grupo como uma união de unidades que se enriquecem mutuamente, Winnicott afirma que o bebê ou criança ainda em fase de amadurecimento, que não alcançou o estatuto do Eu sou, faz grupo em termos de cobertura materna, buscando o status de unidade psicossomática. Winnicott desenvolveu uma teoria dos grupos e de formações pré-grupais de bebês e crianças pequenas que pode ajudar muito a compreender e intervir em questões envolvendo estas interações, porém este conhecimento raramente é discutido na psicanálise enquanto uma teoria da dinâmica dos grupos. Neste artigo, apresentamos essa teoria por meio de uma revisão bibliográfica narrativa.

Palavras-chave: Grupos psicoterapêuticos; Winnicott; crianças; bebês; psicanálise.

Abstract: *Toddlers have a very peculiar group dynamic, which differs, in a large extent, from the dynamics of adults. While the individual who has already constituted himself as I am participates in the group as a union of mutually enriching units, Winnicott argues that babies and children still in the maturation phase, that has not reached the status of I am, form a group in terms of coverage mother, seeking the status of the psychosomatic unit. Winnicott developed a theory of groups and group pre-formations of babies and young children that can help a lot to understand and intervene in issues involving these interactions. However, this knowledge is rarely discussed in psychoanalysis as a theory of group dynamics. In this article, we present this theory through a narrative review of the literature.*

Keywords: *Psychotherapeutic groups; Winnicott; kids; babies; psychoanalysis.*

1. Introdução

Um bebê que não criou o mundo [...] não tem futuro (Winnicott, 1988, p. 143).

¹Doutorando em Ciências Médicas pela FCM-UNICAMP. Professor e Coordenador da Pós-graduação em Clínica Psicanalítica pela USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Os escritos de Donald Winnicott privilegiam a natureza das relações, começando com aquela entre a mãe e o seu bebê e desdobrando-se, a partir daí, progressivamente, para outras cada vez mais complexas e sofisticadas (Winnicott, 1965). Existe uma certa evolução das relações e do brincar que se inicia no corpo da mãe, passa pelo espaço de ilusão (onde o adulto está presente com o olhar, não apenas com o corpo), pelo brincar sozinha (mas na presença de um adulto cuidador) e finalmente chega no brincar com outras crianças (Mariotto, 2009).

A possibilidade do contato grupal em Winnicott é analisado pelo viés da relação mãe-bebê enquanto espaço subjetivo no qual determinadas tarefas são possibilitadas. Esta ideia está centrada na abordagem fenomenológica sobre o olhar para o bebê, em que não se poderia considerar o fenômeno *bebê* isoladamente. “Não existe essa coisa chamada bebê. O bebê é sempre ele mais a mãe” (Winnicott, 1958, p. 40), o autor pondera em sua emblemática frase.

Partindo dessa concepção, este artigo busca traçar o percurso teórico que o pediatra inglês indica sobre a formação de grupos de bebês e crianças e a sua participação na sua constituição subjetiva destes.

Cita-se considerações importantes de Winnicott sobre a questão:

O bebê relativamente saudável (maduro para a idade) prossegue rumo ao estágio em que ele se torna uma pessoa total, consciente de si mesma e consciente da existência dos outros. [...] Quando chega ao estágio de desenvolvimento em que consegue perceber a existência de três pessoas, ela própria e duas outras, a criança encontra, na maioria das culturas, uma estrutura familiar à sua espera. No interior da família a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros mais e mais complexos (Winnicott, 1988, pp. 56-57).

Há, portanto, um percurso em que o bebê atinge um ponto onde é possível estabelecer uma *relação a três corpos* enquanto pessoas inteiras, ou totais, para, posteriormente, estabelecer relacionamentos mais complexos. É apoiada em sua família que a criança parte para o social: primeiro com sua mãe, depois com as pessoas inteiras que fazem parte desse contexto (Winnicott, 1988).

Conforme sugere Outeiral (2001), a teoria Winnicottiana pode ser apresentada por diversos vieses, como a teoria do brincar, a teoria da integração, a teoria da relação mãe-bebê, entre outras. Tendo como foco a participação dos bebês e crianças na constituição subjetiva, opta-se nesta apresentação em intercalar alguns desses vieses.

2. Grupos e formações primárias pré-grupais

Winnicott considera o grupo uma conquista do indivíduo, uma conquista do *Eu Sou* e que a criança recém-integrada tem a capacidade de participar de um grupo, enriquecendo o ego a partir dessa experiência com pequenos outros. Antes desse período de integração psicossomática, as interações de crianças pequenas e bebês podem ser melhor categorizadas como formações primárias pré-grupais nas quais elementos não integrados são mantidos unidos por um ambiente do qual ainda não estão satisfatoriamente diferenciados: “esse ambiente é a mãe que segura o filho” (Winnicott, 1965, p. 217).

Ao analisar a questão da escola, instituição de cuidado de bebês e crianças, e a psicologia de grupo, Winnicott pondera duas possibilidades para as crianças:

- 1). A criança normal, que tem um lar normal, tem objetivos, e vai à escola querendo de fato aprender alguma coisa, que trava contato com seu próprio ambiente e chega até a ajudar a conservá-lo ou modificá-lo.
- 2). A criança desajustada, por contraste, que tem necessidade de um ambiente cuja tônica seja o cuidado, e não o ensino; este assunto secundário pode assumir às vezes caráter especializado, tendo mais a natureza de um remédio de que de instrução escolar. Para a criança desajustada, em outras palavras, a *escola* tem o significado de abrigo ou albergue (1965, p. 213).

Sendo o grupo uma conquista do *Eu Sou*, é importante lembrar que Winnicott julgava este momento inicial da aquisição como muito perigoso, sendo a proteção extremamente necessária, pois, sem ela, fenômenos paranoides poderiam gerar angústias e ansiedades a atacar por todos os modos possíveis e imagináveis. Winnicott considerava que o estágio de *Eu Sou* seria um momento *cru*, quando o indivíduo se sente infinitamente exposto, e que esse momento só poderia ser suportado com a presença de alguém envolvendo a criança em seus braços. O pediatra inglês diz que exposto significa nu e aponta a importância de corpo e psique estarem ocupando o mesmo lugar: a membrana limitadora não pode ser apenas simbólica, mas deve coincidir com a membrana corporal², a pele (Winnicott, 1965).

Podemos destacar, a partir dessa pontuação, que a compreensão de Winnicott sobre a formação de grupos remete a dois termos: 1). a *unidade do indivíduo* e 2). a *cobertura materna*, sendo que a origem dos grupos pode se referir a qualquer um dos

²Winnicott cita um breve relato de caso de uma paciente adulta que auxilia a ilustrar esta questão: “A localização do eu no próprio corpo é muitas vezes tida como óbvia, mas uma paciente psicótica em análise deu-se conta de que, na infância, ela achava que sua irmã gêmea no assento ao lado do carrinho era ela mesma. E até se surpreendia quando alguém pegava a sua irmã no colo e ela ficava parada onde estava. Sua percepção do eu e do outro-que-não-o-eu não tinha se desenvolvido” (Winnicott, 2000, p. 223). Neste caso, claramente, os bebês e crianças não se apresentam como *ameaça*.

extremos desses dois termos. No primeiro extremo, com a integração do indivíduo, ele se une ao grupo enquanto uma *unidade individual*. Assim, pode-se atribuir ao grupo formado por indivíduos integrados uma *superposição de unidades* na qual a base da formação grupal madura é a multiplicação de unidades individuais.

Ao que Winnicott afirma:

Dez pessoas, cada uma das quais é pessoalmente bem integrada, superpõem suas dez integrações e passam a compartilhar, em certa medida, de uma única membrana limitante. Essa membrana é representativa da pele de cada um dos membros. A organização representada pela integração pessoal de cada um dos indivíduos tende a conservar, a partir do interior, a entidade grupal (1965, p. 218).

Neste caso, o grupo pode se beneficiar da experiência pessoal de cada membro, justamente porque recebeu os termos necessários considerados por Winnicott, a cobertura materna e o apoio à integração.

De acordo com o autor, devido à exposição implicada na formação do *Eu Sou* – sentimento de estar nu, cru, exposto – há na formação grupal uma expectativa de perseguição. Pode esta inclusive ser um estímulo para a formação grupal que, no entanto, se constituída dessa maneira, se revelará artificial e apresentará instabilidade.

No outro extremo da formação grupal, em que se considera a *cobertura materna*, estariam aquelas pessoas relativamente não-integradas. Nestes casos o Winnicott define três estágios:

- a). Apreciam o fato de estarem sendo cobertos, e adquirem confiança.
- b). Começam a explorar a situação, tornando-se dependentes e regredindo à não-integração.
- c). Começam, cada um por si mesmo, a adquirir alguma integração, e, nesses momentos, valem-se da cobertura proporcionada pelo grupo, a qual lhes é necessária devido às suas expectativas de perseguição. Os mecanismos de cobertura são submetidos nesse ponto a grande tensão. Alguns indivíduos conseguem obter sua integração pessoal, e prestam-se assim a serem inseridos em outro tipo de grupo, no qual os indivíduos mesmos proporcionam o funcionamento grupal. Já outros não podem ser curados pela terapia das coberturas apenas, e continuam precisando do cuidado de uma agência, sem, porém, identificarem-se com essa agência (1965, p. 219).

Sublinha-se que Winnicott pondera que o grupo poderia, em alguns casos, contribuir para a integração do indivíduo, servindo como *cobertura* que ampara os indivíduos que não tiveram uma integração suficiente. Ou seja, o grupo poderia amparar a falta do ambiente. No entanto, em outros casos, esses grupos devem ser agenciados e cuidados, isto é, demandam uma estrutura organizada que agencie o grupo.

É importante notar que esta análise winnicottiana das formações grupais demarca uma grande diferença em relação a Freud. Winnicott trabalha a hipótese das formações grupais já nas tenras idades, antes de a lógica edípica permear o contato com outros semelhantes. Nestes grupos, não é o pai e a lei que referenciam a formação coletiva, mas a constituição dos indivíduos do grupo (sua integração ou estabelecimento do *Eu Sou* e a cobertura materna).

A seguir será abordada a importância do irmão no amadurecimento pessoal.

3. O filho único e os irmãos

Num breve artigo, intitulado *O filho único* (1966), Winnicott trabalha a importância da experiência de ter um irmão como possibilidade de a pessoa acompanhar uma gestação e de testemunhar o amor dos pais enquanto parceiros que geram filhos.

Logo de início, Winnicott aponta uma série de vantagens e desvantagens de ser filho único. Dentre as vantagens, estaria a dedicação para o filho de modo a proporcionar uma infância sem maiores complicações, na qual a mãe vai apresentando o mundo na medida em que o filho o pode assimilar. Entre as desvantagens, pode-se citar o fato de o filho não ter um companheiro para brincar ou compartilhar a vida.

O autor valoriza o brincar entre os pequenos semelhantes, apontando que há algo único na brincadeira entre crianças que os pais ou adultos não podem igualar, já que:

As crianças que brincam juntas têm uma capacidade infinita para inventar detalhes de brincadeiras, e também são capazes de continuar brincando por longos períodos sem se cansarem (Winnicott, 1966, p. 150).

Winnicott comenta a importância de um bebê acompanhar a gestação de sua mãe. Fala da riqueza que é acompanhar as transformações do corpo materno, o aumento de barriga, as mudanças comportamentais e emocionais, além do preparo da família para acolher um novo membro que se aloja temporariamente dentro da mãe. Assim, ele pontua:

Ainda que muitas crianças acham tudo isso um tanto difícil de tragar e não conseguem dominar os tremendos conflitos e sentimentos suscitados, não deixará de ser verdade, porém, creio eu, que toda criança que tiver perdido tal experiência e nunca tiver visto a mãe amamentar um bebê ao peito, banhá-lo e cuidar dele, será uma criança menos rica do que a que tiver testemunhado essas coisas (Winnicott, 1966, p. 150).

O olhar de Winnicott sobre o advento de um irmão é, portanto, de um *enriquecimento* para a vida do indivíduo. É no contato com este irmão que o indivíduo

poderá *dominar os tremendos conflitos e sentimentos suscitados*. Neste mesmo artigo sobre o filho único, o autor enfatiza essa função principal que o irmão desempenha. Ele afirma que:

Uma coisa que falta especialmente no filho único é a experiência de sentir o ódio crescer nele; o ódio da criança quando o novo bebê ameaça o que parecia ser uma relação estabelecida e segura com a mãe e com o pai. [...] Esse ódio cederá gradualmente o lugar ao amor à medida que o novo bebê se converter num ser humano com quem se pode brincar e de quem podemos sentir orgulho (Winnicott, 1966, p. 151).

Na citação acima podemos perceber alguns elementos principais que o autor pontua sobre a vinda de um irmão para o bebê: a) ele contribui para integração do ódio e do amor por um objeto único; b) ele ameaça uma relação segura com os pais e esta ameaça indica que há uma relação suficientemente boa, que se poderia caracterizar como segura.

A integração no tempo e no espaço é umas das tarefas da teoria do amadurecimento, sendo normalmente atribuída à facilitação proporcionada pela figura da mãe (Dias, 2008). No entanto, nesta análise do novo irmão, Winnicott está ressaltando uma participação deste sobre a integração, e faz a seguinte definição:

A integração significa responsabilidade, ao mesmo tempo que consciência, um conjunto de memórias e a junção de passado, presente e futuro dentro de um relacionamento. Assim, ela praticamente significa o começo de uma psicologia humana (1988, p. 140).

O psicanalista britânico considera que no amadurecimento humano há uma tendência inata à integração. Integração de espaço e tempo, de soma e psique, de presente, passado e futuro, de uma realidade *Eu* e outra *não-Eu* (Winnicott, 1988). Quando esse novo bebê surge na família e ameaça uma relação segura com os pais, ele introduz uma nova perspectiva ao indivíduo, a qual poderia indicar uma realidade *Não-Eu*, ou seja, na qual ele não está incluso. O irmão suscita um ódio inicial por ocupar uma posição que antes pertencia ao indivíduo.

A integração é trabalhada por Winnicott como uma tendência que é favorecida pela adaptação da mãe ao bebê. De uma perspectiva teórica, o bebê partiria de um estado de não-integração para um de integração, correlativo aos cuidados do ambiente (mãe) em relação ao bebê, que se define como alguém que faz um longo percurso entre uma *dependência absoluta*, indo para uma *dependência relativa* e podendo alcançar o *rumo à independência* (Winnicott, 1988).

O autor afirma que:

No início não há integração, não há vínculo entre corpo e psique, e não há lugar para uma realidade não-Eu. Teoricamente, este é o estado original, não padronizado e não planejado. Na prática isto não é verdade, pois o bebê está sendo cuidado, ou seja, amado, e isto quer dizer fisicamente amado. A adaptação à necessidade é quase completa (1988, p. 153).

O bebê que sai do ventre para os braços da mãe ainda não pode ser considerado uma unidade humana do ponto de vista emocional. Winnicott diz que “no começo teórico existe um estado de não-integração, uma ausência de globalidade tanto no espaço quanto no tempo” (1988, p. 136). Chama-se a atenção para a importância do termo *teórico*, já que “o começo está em alguma data anterior ao nascimento” (Winnicott, 1988, p. 136).

Essa questão, pertinente às aquisições neurológicas e às experiências do bebê a partir da concepção, e antes mesmo do parto, é amplamente discutida por Bernardino (2006), que traz dados de algumas importantes pesquisas com bebês. A autora pontua, a título de ilustração, que já aos seis meses de gestação um feto possui sistemas olfativo, gustativo, auditivo e sensorial operacionais. Da mesma forma, Winnicott assinala que:

A integração começa imediatamente após o início da vida, mas em nosso campo de trabalho nunca a poderemos considerar algo óbvio. Devemos estar conscientes de seu funcionamento e observar flutuações (1958, p. 224).

Assim, nesta não-integração teórica, o ponto que se quer enfatizar é que o bebê ainda não tem consciência de si (nem de outros), mas já apresenta um conjunto de impulsos e sensações.

A integração é gradualmente proporcionada por dois fatores: o ambiente externo (mãe) e a tendência inata ao amadurecimento (ou integração), que representa os fatores internos (Winnicott, 1965). Desse modo, nesse período, a participação do irmão na integração é permeada pelo ambiente (mãe). Porém, o irmão surge com características únicas: ele é capaz de ameaçar uma relação estável com os pais e suscitar o ódio. Neste ponto, o ambiente pode agir como um facilitador do amadurecimento e da integração ao se adaptar às necessidades do indivíduo, isto é, ao contribuir para que este possa *dominar os tremendos conflitos* que surgem dessa ameaça (Winnicott, 1965).

Winnicott afirma que o ódio inicial em relação ao irmão:

É usual a ponto de poder-se considerar normal quando uma criança é perturbada pelo nascimento do irmãozinho. O primeiro comentário da criança, usualmente, nunca é cortês: *A cara dele parece um tomate*. De fato, *os pais deviam sentir-se aliviados*³ ao ouvirem a expressão direta de antipatia consciente e mesmo de ódio

³Se Winnicott diz que os pais deviam *sentir-se aliviados*, é porque isto mostra que há uma relação de confiança do indivíduo com os pais na qual aquele manifesta suas emoções de modo espontâneo.

violento, ao nascer um novo filho [...] a primeira reação pode ser de receio e ódio, e o impulso poderá ser para colocar o novo bebê na lata de lixo (1966, p. 151, grifos nossos).

Obviamente, o irmãozinho não é jogado na lata de lixo e o bebê tem que se haver convivendo com ele, o que traz a possibilidade de transformar esse ódio. Winnicott continua:

Creio ser uma valiosa experiência para uma criança concluir que o irmão novo por quem começa a despontar um sentimento de amor é o mesmo que, como bebê recém-nascido, era odiado há poucas semanas e se desejava até que desaparecesse. Para todas as crianças uma grande dificuldade é a expressão legítima de ódio, e a falta relativa de oportunidade de um filho único para exprimir o lado agressivo da sua natureza é uma coisa séria. As crianças que crescem juntas participam de brincadeiras de toda espécie, e assim têm a oportunidade de chegar a termos com a própria agressividade, e têm inúmeras ocasiões propícias para descobrirem por conta própria que sofrem quando realmente ferem alguém a quem amam (1966, p. 151).

Novamente, percebe-se que Winnicott enfatiza o irmão como propiciador de integração da agressividade e do amor. O irmão que se queria jogar no lixo é o mesmo irmão com quem se pode brincar, sentir orgulho e amar. Elsa Dias, em um estudo sobre a agressividade em Winnicott, afirma que:

Se o ambiente fornece cuidados satisfatórios e se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar essa manifestação do humano, a fonte de agressividade – que, no início, é motilidade e parte do apetite – torna-se integrada à personalidade total do indivíduo e será elemento central em sua capacidade de relacionar-se com outros, de defender seu território, de brincar e de trabalhar. Se não for integrada, a agressividade terá que ser escondida (timidez, autocontrole) ou cindida, ou ainda poderá redundar em comportamento antissocial, violência ou compulsão à destruição (2000, p. 2).

Neste olhar sobre a questão do irmão na constituição subjetiva, pode-se abordar a função que o irmão (semelhante) desempenha: ele indica – por meio da *ameaça* – que há formação de uma relação baseada na segurança e na fidedignidade.

4. Os bebês e crianças enquanto indicadores do espaço potencial

Winnicott fala de uma *evolução* do espaço potencial, que se inicia com a mãe, passa pelos demais membros da família, a sociedade e chega à herança cultural (1971). O conceito de espaço potencial é desenvolvido dentro da teoria do brincar.

Mariotto, em sua leitura da obra Winnicottiana *O brincar e a realidade* (1975), identifica algumas passagens, ou tempos, do brincar em torno do outro, os quais ela pontua:

- 1). O brincar com o corpo do outro cuidador; 2). O brincar no espaço de ilusão, onde o adulto ainda é necessário, não mais como corpo, mas enquanto olhar; 3). O brincar sozinha, mas na presença de um adulto de referência disponível; 4). O brincar com outras crianças (2009, p. 142).

Winnicott diz que “há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais” (1971, p. 76). O ponto principal desta teoria é a proposta de que é necessário considerar, além das realidades interna e externa à pessoa, uma terceira realidade, a intermediária. Esta realidade intermediária, na qual o autor situa os termos objetos transicionais e os fenômenos transicionais, se refere à área intermediária de experimentação.

Os fenômenos transicionais se referem ao progresso do bebê no manuseio de objetos verdadeiramente *não-eu* e a um conjunto de características que estes podem assumir, incluindo os chamados objetos transicionais. A relação do bebê com o objeto transicional apresenta algumas características: o bebê assume direitos sobre o objeto, e os adultos concordam com isto; é a onipotência que domina a relação com o objeto; este é afetuosamente acariciado, amado e mutilado; nunca deve mudar, a não ser pelo próprio bebê; deve sobreviver ao amor instintual (ao ódio e à agressividade também); deve ser sentido como uma criação do bebê, não como algo vindo do exterior, nem do interior; com o tempo ele deve ser descatexizado, perder o significado (Winnicott, 1971).

A esse caminho para ser descatexizado, ou ser *deixado*, Winnicott (1971) denomina de desilusão. A desilusão implica que, conforme o bebê obtenha uma crescente capacidade de lidar com as *falhas* ambientais, a mãe vai cessando gradativamente a sua adaptação quase completa às suas necessidades. Logo, temos que as *falhas*, em realidade, são apenas momentos de não dependência absoluta, nunca maiores do que o bebê pode suportar.

Os processos de ilusão-desilusão, assim como a criatividade e área intermediária, serão fundamentais para o encontro da criança com os bebês e crianças e marcados pela sua capacidade de reinaugurar a cada encontro os tempos relativos ao encontro humano. Podemos encontrar já em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1971) estes tempos implícitos, mas ele aparece com maior clareza no texto *Observação de bebês numa situação padronizada* (1941), em que Winnicott descreve o uso que o bebê faz da

espátula do pediatra após muitos anos de observação sua na prática pediátrica. Winnicott extrai dessa observação que haveria três estágios no encontro com um objeto ou semelhante *não-eu*. Embora os estágios não sejam nomeados por Winnicott, podemos aqui pontuar brevemente suas principais características. No primeiro estágio, o bebê encontra o objeto, que subjetivamente pode ser descrito como uma criação sua a partir de suas necessidades, mas que objetivamente falando foi oferecido por alguém. No segundo, o bebê usa o objeto, interage com ele, brinca. E no terceiro estágio, ele deixa a espátula cair, despede-se. Para alguns psicanalistas, como Safra (1999), estes são os tempos fundamentais do encontro humano, que irão permear os contatos sociais com outros semelhantes.

Para Winnicott a “entrada do homem na vida grupal e cultural” (1971, p. 93) é permeada pela transicionalidade, que mantém a criatividade no intercâmbio paradoxal entre a realidade interna e a realidade externa, no rumo para a realidade compartilhada⁴. Ou seja, há uma evolução da compreensão intelectual do fato de que, por um lado, há um mundo anterior ao indivíduo e, por outro lado, o sentimento de que o mundo foi criado pessoalmente jamais desaparece (Winnicott, 1958).

É no brincar que o indivíduo encontra o si mesmo (*self*) e onde poderá utilizar sua personalidade integral, ou seja, poderá partir da criatividade para o contato com os objetos externos. Da mesma maneira, é no brincar que a vida cultural é constituída como algo compartilhável, reconhecendo que a vida vale a pena ser vivida (Fulgencio, 2011). Em Winnicott temos que:

O espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade e o mundo, depende da experiência que conduz à *confiança*. Pode ser visto como *sagrado* para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo (1971, p. 142, grifos nossos).

Winnicott utiliza o termo *potencial* justamente para mostrar que é um espaço que ainda *não existe*, mas que pode vir a ser. É uma potencialidade do bebê para seguir seu desenvolvimento de modo criativo, unindo sua realidade interna com a realidade externa, para lidar com a mãe, a família, os demais de bebês e crianças, a sociedade e o mundo. Tudo isso incide diretamente sobre a integração da agressividade e do amor; sobre a

⁴A realidade compartilhada é aquela sobre a qual um grupo de pessoas concorda que certas coisas são reais e outras não são. É um acordo não escrito. De certo modo, a realidade compartilhada é paralela à noção lacaniana do simbólico, se refere ao fato de que as pessoas concordam mais ou menos quanto ao entendimento dos objetos – porque atribuem sentido às coisas – mesmo que estas não possam ser definidas completamente.

possibilidade de ponderar suas ações sobre mundo e sobre outros; sobre conceber o *outro* enquanto *outro inteiro* (que pode ser amado e odiado). Ou seja, está se constituindo a possibilidade de relações com pessoas inteiras. Se o bebê atinge esse estágio, no qual realiza relações com pessoas inteiras, Winnicott afirma que o bebê já desenvolveu um *self* bem constituído e um sentimento de si mesmo, com o qual poderá se envolver em relações mais complexas e sofisticadas. Este estágio ele denominou de estágio do *Eu Sou* (1988).

No decurso do desenvolvimento emocional do indivíduo chega-se a um estágio no qual se pode dizer que o indivíduo se tornou uma unidade. Na linguagem que utilizei, este é o estágio do *eu sou* [...] o estágio possui significação devido à necessidade do indivíduo de chegar ao ser antes de fazer. *Eu sou* tem de preceder o *eu faço*, pois de outra maneira *eu faço* torna-se desprovido de significado para o indivíduo. Este estágio de desenvolvimento, como supomos, aparece em forma tenra em estágios muito primitivos, mas que recebem reforço do ego materno e, portanto, tem, nos primeiros estágios, uma intensidade que se relaciona ao fato da adaptação da mãe às necessidades do bebê (Winnicott, 1971, p. 117).

Até aqui se pôde observar que a mãe tem uma função primordial em propiciar um contato com a realidade marcada pela criatividade, a partir de um espaço potencial. Quando esse espaço é preservado, o bebê interage com os demais pequenos semelhantes de modo a proteger esse espaço, partindo de sua agressividade, que a princípio – ressalta-se – é apenas motilidade. No contato do indivíduo com os bebês e crianças, neste caso, o irmão, a presença deste outro pode ser sentida como ameaça e esta ameaça é o que indica uma relação segura e estável com a mãe (Winnicott, 1975).

Porém, o que podemos inferir que acontece quando a presença deste pequeno não surge como ameaça? E mais além, surge a questão de se os grupos de bebês e crianças podem se beneficiar uns dos outros.

5. Criatividade ou submissão?

Para discutir esta questão faremos uma breve consideração da teoria Winnicottiana, seguida de exemplos clínicos citados por Winnicott e, posteriormente, das suas considerações sobre os grupos. Pretende-se mostrar que: a) a criatividade e a espontaneidade são fatores fundamentais nas relações com os semelhantes, sendo que seu oposto, a submissão, conduz a uma relação *reativa* ao semelhante; e b) grupos de bebês e crianças podem se beneficiar de formações coletivas conforme as características dos indivíduos (antes e depois do estágio do *Eu sou*) e da cobertura materna na situação (Winnicott, 1958).

Em conjunto com a integração, a habitação da psique e a relação com os objetos, o indivíduo pode, aos poucos, entrar em contato com o *self* e formar uma experiência consistente do que Winnicott denominou de estágio do *Eu sou* (1958). Pode-se apresentar a questão tomando dois polos bem definidos na teoria Winnicottiana: 1). Ou o indivíduo vive criativamente e considera que a vida vale a pena ser vivida; 2). Ou não exerce sua criatividade e tem dúvidas sobre o valor da vida. Esta variável está diretamente ligada às provisões ambientais dos primórdios da vida do bebê. Se a mãe (ou quem exerça sua função) é capaz de se identificar com o bebê e se adaptar às suas necessidades de modo ativo, ela contribui para o indivíduo alcançar uma identidade e um si mesmo integrado (Winnicott, 1958).

Galván considera que se a *dependência significa realmente dependência*, a continuidade do ser só pode ser preservada se encontrar no ambiente as condições necessárias para que isso ocorra. Isto implica que o ser humano não é entendido como um ser em busca de satisfação/prazer em meio aos conflitos internos gerados de sua instintualidade, mas “como um ser relacional, em busca da continuidade da existência e de se sentir real” (Galván, 2009, p. 2).

Na fase de dependência absoluta, quando tudo vai bem, a mãe se identifica com o bebê e pode amparar a fragilidade inicial do indivíduo de modo absoluto, o que gera um sentimento (ilusório, é claro) de onipotência do bebê. Nesta identificação, à qual Winnicott denominou de *preocupação materna primária*⁵, a mãe está apta a fornecer um cuidado *pessoal* ao bebê, o que significa um cuidado humano marcado por uma história e uma experiência. Cuidado que não é perfeito (como as máquinas) e nem faltoso (no sentido de a falta significar a perda da mãe), mas no qual a mãe sabe *como, quando e o que* o bebê necessita (Galván, 2009). Esse tipo de amparo está baseado no gesto do bebê, gesto espontâneo, no qual ele tem a ilusão de *ter criado o mundo*.

Por outro lado, quando a mãe é *perfeita* (principalmente no período da dependência absoluta), ou seja, quando ela age sob regras marcadas por questões outras que não a necessidade do bebê, o gesto espontâneo perde seu valor e os cuidados da mãe são sentidos como uma invasão (Winnicott, 1954). Pela invasão, o verdadeiro *self* é

⁵O conceito de preocupação materna primária assemelha-se ao *nebenmensch* freudiano do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), onde a *assistência alheia* para a experiência de satisfação advém de um semelhante que está *ao lado*, nem acima, nem abaixo, mas que se coloca no mesmo patamar que o bebê, isto é, identifica-se a ele a partir de uma experiência anterior.

impedido de surgir espontaneamente e o contato com o *si mesmo* fica subjacente a uma estrutura reativa e falsa, que Winnicott denominou de *falso self*.

Em *O brincar e a realidade* (1971) Winnicott enfatiza a problemática da interação dos irmãos de um paciente, pelo viés da submissão deste. Cita-se:

A maneira mais simples de descrever os primórdios desse padrão na paciente é pensar nela como uma meninazinha com diversos outros irmãos e irmãs mais velhos, sendo ela a mais jovem. A essas crianças permitiu-se que tomassem conta de si mesmas, em parte porque pareciam capazes de divertir-se e organizar seus próprios brinquedos, além de cuidar de si mesmas com enriquecimento sempre crescente. *A filha mais nova, contudo, descobriu-se num mundo que já estava organizado antes mesmo que chegasse ao convívio das demais.* Muito inteligente, conseguiu adaptar-se de uma ou de outra forma. Jamais conseguiu, porém, tornar-se recompensante como membro do grupo, quer do seu ponto de vista ou do ponto de vista das outras crianças, porque só podia adaptar-se numa base de submissão (1971, p. 48, grifos nossos).

O autor descreve a negligência de um ambiente (mãe) e a necessidade de os filhos terem que *cuidar* uns dos outros. A mãe apostou num amadurecimento das crianças que não era possível, isto é, uma formação coletiva de pequenos semelhantes sem cobertura materna propiciadora do espaço potencial. Se tomarmos a importância dada por Winnicott à adaptação completa da mãe nos períodos iniciais, para gradualmente apresentar uma realidade mais complexa, obviamente percebe-se que este ambiente não foi sentido como estável e seguro. A única saída encontrada pela paciente foi ceder à realidade que lhe era apresentada, sem a possibilidade de constituir um espaço próprio. O que houve foi uma *adaptação inversa*, um submeter-se ao ambiente. Deste modo, na análise do presente autor, os irmãos não representaram uma ameaça a um espaço potencial, mas apenas um lugar possível de adaptar-se numa base de submissão. A paciente teve que conviver no coletivo em tenras idades sem o apoio da mãe, antes de estar constituído. Nestas condições, coletivo, significava submissão e não um espaço potencial.

A partir da descrição desse caso percebe-se a importância que Winnicott atribuía à criatividade enquanto essência para o sentimento de que *a vida é digna de ser vivida*. Isto proporciona o gesto espontâneo, a criatividade e o espaço potencial que será defendido com uso da agressividade. Winnicott atribui a criatividade ao *estar vivo*, sendo o seu oposto a submissão, o grande motivador do sentimento de que a vida *não valeria a pena ser vivida*. Winnicott diz:

Existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos os seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou que exige adaptação. A submissão traz consigo um sentido de inutilidade, e

está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina (1971, p. 95).

A criatividade do indivíduo fica dependente de experiências favoráveis do bebê com o ambiente. Na medida em que o ambiente proporciona o desenvolvimento de experiências em que o gesto espontâneo do bebê vai se estabelecendo com fidedignidade, junto à *ilusão* de criação surge um sentimento de confiança por parte do bebê. Confiança de que os cuidados da mãe apresentam credibilidade, e assim, pode ser, pouco a pouco, introjetada. O que contribuirá para a passagem do estado de estar fundido à mãe para separá-la do *self* (Winnicott, 1971).

Winnicott atribui tal separação a uma nova tarefa do ambiente, posterior à preocupação materna primária, portanto, à identificação que a mãe desenvolve com o bebê. Assim, ela pode retomar aos poucos sua vida própria, como se percebesse que o bebê tem a necessidade de ser um fenômeno separado. Deste modo, ela diminui o grau de adaptação às demandas do filho e inicia um processo de separação.

Com a confiança e fidedignidade na relação do bebê com o ambiente, o contato do indivíduo com bebês e crianças pequenas – que a princípio era ameaça – pode se transformar em uma relação de amor, contribuindo para o indivíduo integrar nesta relação os diferentes aspectos de um objeto. Isto é, está gradualmente se formando como unidade e considerando os demais como unidades separadas. O bebê está se aproximando do ponto onde seria possível a introdução de um relacionamento a três corpos.

É a partir daí que Winnicott faz sua leitura sobre o complexo de Édipo freudiano. Para o autor, este complexo somente é possível onde já se configura uma relação a três corpos. Citando Winnicott:

Acredito que alguma coisa se perde quando o termo *complexo de Édipo* é aplicado às etapas anteriores, em que só estão envolvidas duas pessoas e a terceira pessoa ou o objeto parcial está internalizado, é um fenômeno da realidade interna. Não posso ver nenhum valor na utilização do termo *complexo de Édipo* quando um ou mais de um dos três que formam o triângulo é um objeto parcial. No complexo de Édipo, ao menos do meu ponto de vista, cada um dos componentes do triângulo é uma pessoa total, não apenas para o observador, mas especialmente para a própria criança (1988, p. 67).

Temos, portanto, que antes da possibilidade do relacionamento a três corpos, a criança não é capaz de se relacionar com outros semelhantes enquanto pessoa total e nem de perceber o outro enquanto tal. Antes desse período, ela se relaciona, preferencialmente,

com o outro como um objeto parcial, partindo de sua fantasia, sem uma relação suficientemente objetiva com o outro. Antes desse período, a relação do indivíduo é uma relação do bebê + mãe, enquanto campo subjetivo, estando ela presente ou introjetada.

Se a relação com a mãe é suficientemente boa e a criança se torna inteira, ela poderá partir para outras relações com outras pessoas inteiras. Esta problemática elucidada a relação de grupos de bebês e crianças e a convivência destas tanto em ambiente familiar quanto em instituições como creches e escolas.

6. Considerações finais

As formações grupais de bebês e crianças pequenas são diferentes daquelas encontradas nos adultos. Enquanto Freud caracterizou os encontros de adultos como permeados pelo amor e agressividade, alimentados por idealizações que desencadeiam o processo de identificação ao mesmo ideal, para os pequenos a ênfase está sobre a integração ou não-integração dos indivíduos e sobre a cobertura materna. As características e vivências com o grupo também acabam por ter consequências diferentes. Para as crianças o grupo pode tomar uma ênfase de enriquecimento ou de cuidado, conforme o nível de integração alcançada ou o estatuto do *Eu Sou*.

Também vimos que a convivência entre pequenos tem benefícios únicos que apenas os próprios pequenos podem fornecer, como a capacidade de se envolver no brincar estando no mesmo lugar social e constitucional que a outra criança. Ou de se possibilitar viver a integração do amor e do ódio, como no caso dos irmãos ou quem possa exercer tal função.

Procurou-se demonstrar neste artigo a trajetória estabelecida por Winnicott entre a teoria do amadurecimento, o brincar e os relacionamentos interpessoais. Winnicott enfatiza o caráter relacional da constituição do indivíduo, destacando a importância da relação entre o indivíduo e o ambiente. O ambiente favorece o amadurecimento (integração, habitação da psique no soma, relacionamentos objetivos e constituição do si mesmo) de modo que, quando tudo vai bem, o indivíduo alcança um estágio denominado *Eu Sou*, em que há um *self* bem constituído e um sentimento de si mesmo. A partir desse estágio, o indivíduo pode perceber um si mesmo, portanto, os outros.

Este é o ponto principal que conduz esta análise sobre as interações de bebês e crianças, pelo qual se estabelece um antes e um depois na capacidade de perceber o outro enquanto unidade separada.

Winnicott atribui valor fundamental à experiência intermediária do brincar no contato com as realidades interna e externa, chegando mesmo a afirmar que esta seria a aquisição que separa o sentimento de que a vida vale a pena ou não de ser vivida. Nesse brincar, no contato com a realidade apoiado no ambiente, o indivíduo pode vir a desenvolver o espaço potencial, ao qual Winnicott atribui o valor de sagrado para o bebê. Sendo a representação de uma aceitação de paradoxos e surgindo apenas onde há uma relação de confiança e fidedignidade, iniciando com a mãe e se desdobrando, a partir daí, para outras pessoas, grupos, lugares, para a sociedade, para o mundo e chegando à herança cultural.

Referencias

- Dias, E. O. (2000). Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Revista Natureza Humana*, 2(1).
- Fulgêncio, L. (2011). A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. *Pandéia*, 21(50).
- Galván, G. (2009). O caso B: a mãe perfeita e a constituição do si mesmo. *Winnicott e-prints*, 1(1 e 2).
- Mariotto, R. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta.
- Outeiral, S., Hisada, R. & Gabriades, J. (2001). *Winnicott: Seminários Paulistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Safra, G. (1999). A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*. São Paulo, 1(1), 91-101.
- Winnicott, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In *Da pediatria a Psicanálise. Obras Escolhidas*. Trad.: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Winnicott, D. W. (1954). *Holding e Interpretação*. Trad.: Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- Winnicott, D. W. (1958). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 31-37). Trad.: I. C. Ortiz. São Paulo: Artes Médicas, 1990.
- Winnicott, D. W. (1965). *A família e o desenvolvimento individual*. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Winnicott, D. W. (1966). *A criança e seu mundo*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Trad.: José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D. W. (1988). *Natureza Humana*. Trad.: Davy Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.